

cinquenta anos de

Brie



Bienal de São Paulo: 50 anos

VICTOR KNOLL

VICTOR KNOLL
é professor de Estética
da FFLCH-USP.

internacional de são paulo

na

Por vezes, instituições dotadas de grande porte encontram-se envolvidas também em grandes controvérsias. É o caso da Bienal de São Paulo. Debates, polêmicas, contestações a envolveram ao longo de sua vida não só como instituição, mas também como mostra da produção artística contemporânea a cada uma de suas edições. De um lado, isso indica a sua importância e o seu vigor, de outro, que sua condução, nos dois planos, institucional e artístico, não representa de forma homogênea os anseios e as expectativas dos críticos de arte e dos artistas, fato que nos faz supor que em cada exposição bienal um certo propósito ou projeto artístico não foi representado.

Abaixo e na página ao lado, cartazes da Bienal de São Paulo



As controvérsias sobre a Bienal de São Paulo tornam-se claras quando reunimos um certo repertório, seja de análises sobre o seu percurso histórico, seja de depoimentos ou propostas que apontam para o seu futuro. É o que temos no conjunto de textos aqui publicado.

De qualquer modo, a Bienal de São Paulo é um evento sempre esperado. Ainda mais, um evento que exerce um papel decisivo na produção artística não apenas em escala nacional, mas também no meio internacional. Há controvérsia sobre a orientação que ganhou nessa ou naquela mostra, mas é incontestável o reconhecimento que a Bienal de São Paulo conquistou como um evento que estabelece as balizas da produção artística – e isso desde a sua primeira edição. Em virtude de sua própria natureza – apresentar a produção em curso no mundo –, é certo que está condenada à desigualdade do que é exposto. Mas mesmo essa desigualdade, que poderia ser fraqueza, ajuda os verdadeiros artistas a encontrar os melhores caminhos em suas obras futuras. Nem todas as mostras internacionais que lidam com o que é produzido no calor da hora – e portanto, de difícil avaliação – têm conseguido desempenhar esse papel, como já se disse, de termômetro artístico. E isso em um tempo em que se dão mais de cinquenta bienais de artes plásticas no planeta.

Talvez, a implantação da primeira Bienal de São Paulo em 1951 seja comparável, no que diz respeito aos seus efeitos para a cultura brasileira, tanto em relação aos artistas quanto à sociedade, ao papel que o Armory Show desempenhou nos Estados Unidos. Estes dois eventos marcaram a sintonia com a produção de arte européia. Entretanto, uma diferença deve ser apontada. Enquanto o Armory Show abriu as suas portas, em 1913, em Nova York, em pleno desenvolvimento das vanguardas em toda a sua robustez e riqueza criativa, em 1951 já assistíamos ao declínio daqueles movimentos. As vanguardas já possuíam um caráter histórico. Mas a produção artística feita nos mais diversificados cantos do

planeta veio para São Paulo e a nossa Bienal passou a atuar como evento-regulador da produção artística em termos internacionais – ao lado, é claro, da Bienal de Veneza. Entre as questões que os artigos aqui publicados discutem, cada um assumindo determinada ótica, é particularmente contemplado o exame e a avaliação do papel que a Bienal de São Paulo exerceu historicamente, bem como perspectivas para a sua atuação futura. Cada texto que se vai ler exprime uma posição absolutamente livre.

É bem verdade que a Semana de 22 já havia importado as novidades artísticas produzidas na Europa. Entretanto, tais novidades ficaram restritas a um grupo, a um pequeno grupo de escritores, pintores, escultores e músicos. Do ponto de vista de suas conseqüências sociais ficou restrito também a um pequeno grupo da elite paulistana. Se a Semana de 22 representou um avanço para os artistas, foi a Bienal de São Paulo que assegurou a incorporação da chamada “arte moderna” na vida social do país. A Semana de 22 reciclou os artistas, a Bienal, o público. Em 1951, com a abertura da I Bienal, ganhou as ruas uma verdadeira polêmica em torno do valor da arte abstrata. Os jornais abriram espaço para a querela “figurativo x abstrato”.

Graças à Bienal, o público, isto é, a sociedade, passou a tomar conhecimento das novas tendências artísticas criadas ao longo da primeira metade do século XX. Assim, a Bienal desempenhou, em suas primeiras edições, um extraordinário papel educativo e formador de gosto. Ao longo dos anos 50 as residências começaram a ostentar nas paredes de suas salas reproduções de pinturas abstratas ou expressionistas ou surrealistas ou derivadas de outros “ismos”.

Após 50 anos já temos uma perspectiva histórica consistente para que o debate sobre a Bienal não mais seja conduzido pelo impulso das avaliações do momento – quando não da paixão –, mas por uma reflexão que procure compreender o seu itinerário em benefício, sobretudo, da produção artística nacional. É o que se espera do repertório de artigos que aqui apresentamos.

